

A hermenêutica teológica propicia à teologia ser uma ciência de fé à luz da fé, com a tarefa de manter vivo sonho proveniente do próprio Deus: a emergência do homem novo, a realização da nova criação e a instauração de seu Reino na história. Para manter vivo esse sonho, a hermenêutica tratará de tornar toda expressão dogmática aberta ao *novum*, de não fechar-se em si mesma e, portanto, não impedir que a verdade da revelação seja a cada dia redescoberta e a esperança venha a ser sempre a esperança que vem de Deus.

Observações:

AAS: Acta Apostolicae Sedis

DPAC: PELLAND, G. et al., *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*, Petrópolis (RJ): Vozes – São Paulo (SP): Paulus, 2002.

DT: XABIER PIKAZA, O.M. – NEREO SILANES, O.S.S.T, ed., *Dicionário Teológico. O Deus cristão*, São Paulo: Paulus, 1998.

DZ: DENZINGER, H. *Enchiridion Symbolorum: definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, Bologna: Dehoniane, 1985

Gr.: Revista *Gregorianum* da Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma – Itália)

MysL: SOBRINO, J. – ELLACURÍA, I., ed., *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentais de la teología de la liberación (I-II)*, Madrid: Trotta, 1990.

PerspT: Revista Perspectiva Teológica

REB: Revista Eclesiástica Brasileira

Prof. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Leciona na PUC - Campinas e na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

DESMASCARAR A VIOLÊNCIA DOS SACRIFICADORES

Prof. Dr. Renold J. Blank

1. IMPULSOS INCONSCIENTES DE AGRESSIVIDADE E SUA PROJEÇÃO EM DEUS

A grande ameaça para todos aqueles que pretendem combater o mal em nome de Deus, é recorrer por sua vez em nome deste Deus ao mal, para combater o mal. Eis a chocante verdade, sobre a qual vale a pena refletir e se conscientizar.

O antropólogo René Girard, na sua análise profunda das raízes da violência, desmascara mecanismos, que tantas vezes podemos observar no decorrer da história; mecanismos que fazem parte do comportamento social e interpessoal; mecanismos, além disso, que descobrimos também no comportamento religioso.

Refletir sobre estes mecanismos; trazer à tona os impulsos inconscientes, que tantas vezes se escondem atrás de coberturas religiosas, nos pode ajudar a compreender melhor as sombras de nossa própria história, começando com as perseguições para defender alguma doutrina, e terminando com os sacrifícios exigidos em nome de Deus. Esta mesma reflexão também pode ajudar a compreender e, na maneira do possível, eliminar atitudes que descobrimos até nos dias de hoje.

“Matar um homem, para defender uma doutrina”, diz S. Castillion, “não é defender uma doutrina, é matar um homem”.

Porque, porém, aqueles que matam um homem para defender uma doutrina, não percebem tal verdade tão profunda?

Porque talvez, até pensam agradecer a Deus?, bem dentro daquela atitude, sobre a qual o próprio Jesus já advertiu: "... *virá a hora em que qualquer um que vos tirar a vida, julgará estar prestando um serviço a Deus*". (Jo 16,2)

Descobrimos atrás de um tal comportamento os mecanismos de projeção e de descarregamento inconsciente de agressividade, que Girard detecta como um dos fenômenos antropológicos centrais da cultura humana. Na sua raiz, diz ele, encontramos a violência como um dos impulsos básicos do agir. Ela tem a sua origem num processo, chamado por ele de "Mímesis". O mecanismo mimético pode ser observado em todos os níveis e em inúmeras facetas. Na sua manifestação mais visível e talvez mais fácil de detectar, ele pode ser descrito pelo seguinte esquema: Alguém escolhe como seu modelo uma outra pessoa. Sendo que esta pessoa-modelo ambiciona por certos objetos ou idéias, nada mais normal que aquele que escolheu a pessoa como modelo, também ambicione por estes objetos ou idéias. Com isso, porém, a pessoa-modelo se torna para aquele que a escolheu como modelo, um rival, sendo que os dois ambicionam pelo mesmo. Desta rivalidade surge agressividade e violência.

Tal violência é inconsciente, mas, ela ameaça o funcionamento de toda sociedade. Para que isso não aconteça, se estabeleceram mecanismos inconscientes de descarregamento da violência através de vias que não destroem a comunidade. Estes mecanismos se baseiam na capacidade humana, de tornar-se cegos diante de sua própria agressividade, e de conseguir projetá-la para fora de si, em cima de objetos ou pessoas alheias. Estes objetos ou estas pessoas se tornam substitutivos, em cima dos quais é possível descarregar a agressividade acumulada. Neles pode ser descarregada a violência inconsciente, seja do indivíduo, seja da coletividade. Um dos caminhos comuns, através dos quais este descarregamento se realiza, é pela via de rituais sacrificiais¹.

¹ Cf.: "Les sacrifices de l'ancien Testament, in: LA MAISON DE DIEU. Revue de pastorale liturgique 123, Setembro 1975, p. 7ss

Os sacrifícios cúlticos, sejam eles em base de rituais profanos ou religiosos, possibilitam descarregar a agressividade de maneira controlada e inconsciente. Assim, servem para desviar, em cima das vítimas sacrificadas, a agressividade inconsciente dos sacrificadores.

O sacrifício assume a função de ritual, através do qual a agressividade dos sacrificadores está sendo projetada nos sacrificados. Desta maneira, ela pode ser descarregada em cima de uma vítima, que no fundo não tem nada a ver com aquela agressividade. A vítima se torna um "bode expiatório". "A agressividade de todos contra todos, que ameaça a paz interna da sociedade, se transforma em agressividade de todos contra um"². O coletivo se junta e transfere toda a sua agressividade em cima de uma vítima.

Sendo que esta projeção é inconsciente, os integrantes da coletividade não a reconhecem e muito menos percebem a sua própria culpa. Na visão deles, a vítima é a culpada. É ela que deve ser punida por esta sua culpa. Como conseqüência de uma tal projeção pode ser esquecida a própria agressividade e seu caráter culposos.

Este mecanismo está sendo chamado por Girard de "mecanismo do bode expiatório". Na medida em que, para a sua fundamentação, se formulem argumentos teológicos, pode surgir em cima dele toda uma teologia de sacrifícios. Ela justifica a violência com motivos religiosos, de tal maneira que, realmente, é possível que se chegue àquela atitude citada acima, onde todo aquele que mata, "julgará estar prestando um serviço a Deus" (Jo 16,2).

Encontramos exemplos de tal atitudes em praticamente todas as religiões. Eles aparecem também na história de Israel³, nos textos do NT, por exemplo na cena da mulher adúltera e de seus apedrejadores em Jo 8, 1ss; mas, também, em nossa própria história. É só lembrar dos argumentos, com os quais, Inquisidores justificavam as torturas por eles aplicadas e as execuções realizadas.

² DIECKMANN, Bernhard. Judas als Sündenbock, Munique: Kösel 1991, p. 246

³ cf.: LA MAISON DE DIEU, Revue de pastorale liturgique, No. 123, p 7-24

2. A IMAGEM DE UM DEUS VINGADOR, RESULTADO DE UMA MENTALIDADE SACRIFICIAL

A mentalidade sacrificial marcou e marca por parte, até hoje, também o pensamento dos cristãos, de tal maneira que sempre de novo reencontramos aqueles mecanismos inconscientes de projeção, denunciados por Girard. Ele mostrou, como a própria agressividade e os próprios desejos de vingança, podem ser projetados em Deus. O resultado de tais projeções, são concepções, como nós a encontramos, por exemplo, na Soteriologia de Santo Anselmo. Nela se apresenta a imagem de um Deus legalista, que quer a morte de seu filho na cruz, para assim receber a devida satisfação pelo desgosto, causado pelos pecados humanos⁴.

Quem mostra, de maneira crítica a problemática, uma tal concepção de Deus é Franz Hinkelammert, no seu estudo profundo sobre "a fé de Abraão e o Oedipo do ocidente"⁵. Para ele, a sociedade cristã do ocidente reinterpreto e transformou no seu oposto a crítica da lei, formulada por Paulo. Buscando uma legitimação para esta reinterpretação, ela a achou na teologia de Anselmo. Teologia esta, que pode ser sintetizada pela seguinte fórmula: "Os homens pecaram e por causa disso, tem uma dívida frente a Deus. Este Deus, que é justo, exige o pagamento das dívidas... Sendo que só o sangue de seu filho tem um valor correspondente, Deus, no seu amor infinito, exige a morte deste filho"⁶.

Tal interpretação da morte de Jesus, que ainda hoje pode ser encontrada de maneira mais ou menos nítida em tantos cristãos, reflete ponto por ponto os mecanismos de projeção, descritos por Girard. Ele mostra que, como consequência dela, surge a imagem de um Deus vingador, de um Deus que por

⁴ cf.: HINKELAMMERT, Franz. *Der Glaube Abrahams und der Oedipus des Westens*, Munique: Liberacion 1989, p.62, também: HINKELAMMERT Franz, *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental*, São Paulo: Paulus 1995, p. 77-103

⁵ Op. cit.

⁶ HINKELAMMERT, Franz. *Der Glaube Abrahams*, p. 51

sua vez age conforme os mecanismos sacrificiais. De um Deus cruel que exige a morte de seu próprio filho.

A partir das análises de Girard, podemos compreender esta imagem falsa de Deus, como resultado de processos, no decorrer dos quais, "agressões coletivas ou individuais acabam sendo projetadas no ambiente sagrado, e assim são superadas no ambiente humano, para serem reproduzidas no ambiente divino"⁷.

Tais projeções também podem ser detectadas em textos do Antigo Testamento, onde aparece a imagem de Javé violento, vingativo e, às vezes, cruel. Raymund Schwager, depois de uma análise detalhada de muitos destes textos respectivos, chega à conclusão que neles no fundo sempre se trata "de violência humana, interpretada como sendo o agir violento de Deus"⁸.

3. A IMAGEM DE UM DEUS QUE EXIGE SACRIFÍCIOS OUTRO RESULTADO DE PROJEÇÕES HUMANAS

Em cima desta projeção, também é possível justificar a imagem de um Deus que exige sacrifícios para assim ficar satisfeito, acalmado na sua ira, ou benevolente com os seus seguidores. Nestes seguidores, em contraposição se forma um constante sentimento de culpabilidade. Quem mostra este fato de maneira muito clara, é G. Rosolato, na sua interpretação psicanalítica do sacrifício⁹.

Encontramos uma tal teologia sacrificial em muitas religiões. Vestígios dela também podem ser observados na história de Israel e nós a observamos,

⁷ BLANK, Renold J. *Esperança que vence o temor*, São Paulo: Paulinas 1995, p. 199

⁸ SCHWAGER, Raimund. *Brauchen wir einen Sündenbock ?*, Munique: Kösel 1978, p. 73

⁹ Cf.: CHAUVET, Luis Marie. *La dimension sacrificielle de l'Eucaristie*, in: LA MAISON DE DIEU, Revue de pastorale liturgique, No. 123, p. 57

também, dentro do imaginário religioso de muitos cristãos. Em todos estes casos, o tema do sacrifício, conforme os princípios da Mímesis, se torna um dos temas centrais do pensamento religioso. A análise profunda deste pensamento, porém, mostra nele passo por passo aquele mecanismo que Girard descreve: A agressividade e a violência estão sendo tiradas do ambiente humano e reproduzidos no ambiente divino. Os homens, violentos e agressivos, projetam a sua própria violência e agressividade em Deus. Assim, se forma a imagem de um Deus violento e agressivo, que exige sacrifícios para ser acalmado.

Na realidade, diz Girard, não é Deus que exige sacrifícios, mas a agressividade daqueles que se referem a Deus. Mas, por causa da projeção realizada, na concepção destes, agora é Deus que exige ações violentas. Consequentemente, eles, os sacrificadores, se podem sentir justificados diante de sua própria agressividade.

A violência se apresenta como vontade de Deus.

É bem dentro da lógica de uma tal concepção, que os apedrejadores em Jo 8 podem, com a melhor consciência do mundo, levantar as suas pedras. Na opinião deles, estão realizando a vontade de Deus, eles se tornaram instrumentos dele, e assim, até pensam realizar uma boa obra. Na realidade, porém, são agressivos, vingativos e cheios de violência; mas, de maneira totalmente inconsciente, projetam tudo isso na figura de Deus.

É baseado no mesmo mecanismo que os inquisidores podem ordenar as torturas mais cruéis; na opinião deles, estão ajudando o acusado a voltar à reta doutrina.

E é a partir da mesma lógica que os piedosos de hoje podem condenar e expulsar alguém que declaram de herético: na opinião deles, estão defendendo a causa de Deus e a reta doutrina...

4. O MECANISMO DE PROJEÇÃO POSSIBILITA ESCONDER A RAIZ DA VIOLÊNCIA

O mecanismo de projeção possibilita, também, o descarregamento de eventuais complexos de culpa dos sacrificadores. Ele, além disso, possibilita

a repressão da conscientização sobre as verdadeiras causas da violência. Os violentos ficam de consciência tranqüila, porque são convencidos de agir como instrumentos de Deus.

Assim, porém, ficam dispensados de buscar a raiz da violência dentro de si mesmos.

A projeção da própria violência por dentro de uma vítima, os descarrega de sua culpabilidade. Ela pode ser projetada numa vítima, e com isso, é esta que se torna culpada e que, por causa disso, com todo direito será sacrificada.

Na medida em que tal projeção se realiza através de vias religiosas, também podem ser estabelecidos sistemas teológicos que justificam tais sacrifícios. Estes podem ser compreendidos como vontade de Deus, como agradável a Deus, como necessários para honrar a Deus. Assim se forma passo a passo a imagem de um Deus que gosta de sacrifícios, que até exige sacrifícios, que manda realizar sacrifícios. Os ritos sacrais, através

dos quais estes sacrifícios se realizam, escondem aos sacrificadores o fato escandaloso que em nome de Deus, eles matam. Eles escondem, também, que toda a sua argumentação, no fundo, segue muito mais certos mecanismos psicológicos e psico-sociológicos inconscientes, do que os caminhos da racionalidade consciente.

5. COMO DESVELAR DIANTE DOS SACRIFICADORES, A VERDADE SOBRE O SEU AGIR VIOLENTO?

É frente a toda esta situação, que se forma o grande problema, com o qual muitos textos bíblicos nos confrontam, e que, no fundo, também era o problema central de Jesus no seu conflito com os representantes da instituição religiosa de sua época, o Templo: Como desvelar diante dos sacrificadores a verdade sobre o seu agir? - Eles são cegos! O mecanismo do bode expiatório os faz pensar que são eles que realizam a vontade de Deus.

Para Girard, o grande mérito dos textos bíblicos, é ter começado a desmascarar esta falsa mentalidade sacrificial. Na medida em que reconhece-

mos nos textos bíblicos a Revelação divina, encontramos, aliás, neste desmascaramento um dos grandes eixos desta Revelação.

Os textos bíblicos, seja do Antigo ou do Novo Testamento, desmascaram os sacrifícios como resultado de projeções humanas que não correspondem à vontade de Deus. “A “Bíblia hebraica”, diz Girard, “rejeita Deuses, cuja base é a violência sacral”¹⁰. Ela não só rejeita uma tal concepção de Deus, mas ela também revela de maneira progressiva os mecanismos de transferência e de repressão das próprias agressividades, que estão agindo através das justificativas teológicas dos sacrificadores.

Os “profetas do Antigo Testamento anteriores ao exílio; Amos, Isaías, Miquéias, denunciam em termos fortes a ineficácia dos sacrifícios e de qualquer ritual sacrificial”¹¹.

Esta denúncia começa com a crítica e a rejeição de sacrifícios humanos¹², e ela termina com a clara rejeição dos sacrifícios miméticos. Na formulação de Raymund Schwager, “com sacrifícios... não se pode servir a Deus. Ele não os precisa e eles não resultam em nada”¹³.

“... é impossível que o sangue de touros e bodes elimine os pecados”
(Hb 10. 4; cf. também Hb 10.11)

“Não quiseste sacrifício nem oferta,
abriste o meu ouvido;
não pediste holocausto nem expiação,
e então eu disse: Eis que venho”. (Sl 40, 7s)

¹⁰ GIRARD René. *Ich sah den Satan vom Himmel fallen, wie einen Blitz*, München-Wien: Carl Hauser 2002, p. 154

¹¹ GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*, São Paulo: Paz e Terra 1990, p. 62

¹² Cf.: 2 Rs 23,10; 2 Cr 28,3; 33,6; Ez 16,20s; Dt 12, 31; 18,9s; Jr 7, 30ss; 19,3-6

¹³ SCHWAGER, Raymund. *Brauchen wir einen Sündenbock?*, p. 124

Que me importa a abundância de vossos sacrifícios? – diz o senhor.
Estou farto de holocaustos de carneiros
e de gordura de animais cevados;
do sangue de touros, de cordeiros
e de bodes, não me agrado. (Is 1,11)

Ide e aprendei o que significam as palavras:

Quero misericórdia e não sacrifícios. (Mt 9, 13)(cf. Os 6,6)

6. O DEUS QUE SE REVELA NOS TEXTOS BÍBLICOS, ESTÁ DO LADO DAS VÍTIMAS E NÃO DOS SACRIFICADORES

O Deus, que assim se revela nos textos bíblicos, não é o Deus dos sacrificadores, mas o Deus das vítimas¹⁴. Deus se nega a ser resultado de uma projeção de desejos humanos. Ele desmascara aquelas projeções como aquilo que são: mecanismos inconscientes para justificar a própria agressividade. Em tantos textos proféticos, da mesma maneira como em Salmos, no livro de Jó ou na narração sobre José (Gn 37ss), a Bíblia, em vez de assumir a perspectiva dos sacrificadores, desmascara esta perspectiva como falsa. Ela assume a perspectiva das vítimas¹⁵.

Ela mostra que estas vítimas, que foram declaradas culpadas e, conseqüentemente, sacrificadas pela coletividade daqueles que pensam estar certos, na realidade não são os culpados. Os seus sacrificadores o são.

Os Salmos, diz Girard, “são os primeiros textos dentro da história da humanidade, que dão voz àquelas vítimas, contornadas de uma multidão histérica; situação tão típica dentro das narrações mitológicas”¹⁶.

¹⁴ Cf.: Sl 22,13-18,21; 31,14; 40,7; 118,21s; 144,5-8; Is 40-55; Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52.13-53,12

¹⁵ Cf. em termos de exemplo: Sl 22,21s; 144,5-8

¹⁶ GIRARD, René. *Ich sah den Satan vom Himmel fallen wie einen Blitz*, p. 150

A perspectiva bíblica, na qual devemos compreender a perspectiva da Revelação, apresenta uma progressiva conscientização sobre aquele fato, que os sacrificadores não percebem e não querem perceber: Sacrifícios e produção de bodes expiatórios, pertencem ao mundo da violência. O mundo de Deus, porém, é um mundo diferente. Nele vale o amor e o perdão, em vez da retribuição através de vítimas sacrificadas. Neste sentido, encontramos nos textos do AT um constante apelo à conversão, um apela para mudar de perspectiva religiosa. O que interessa a Deus, não são sacrifícios, mas a preocupação com as vítimas¹⁷.

7. OS SACRIFICADORES NÃO QUEREM ADMITIR QUE A SUA PERSPECTIVA É FALSA

Realizar tal mudança de perspectiva, porém, se mostra muito difícil a ser conseguida.

Aquilo que nos Salmos e nos Profetas começa, continua nas narrações do Novo Testamento. A sua mensagem culmina na clara declaração que "Jesus não é o culpado, culpado são aqueles que o fazem crucificar. João Batista não é culpado, culpado são aqueles que o fazem decapitar"¹⁸.

Mas, o Novo Testamento não pára com esta constatação. Os textos sobre Jesus e sua atuação, mostram constantemente que este Jesus rejeita a mentalidade sacrificial como projeção da agressividade humana. Eles mostram também, com insistência, que Jesus provoca a conscientização sobre os mecanismos que produzem vítimas e bodes expiatórios a serem sacrificados.

Com esta conscientização, porém, Jesus desfaz o pressuposto básico de todo mecanismo do bode expiatório, o seu estado de ser inconsciente. O agir de Jesus desvela o zelo dos sacrificadores como sendo aquilo que é: A

projeção inconsciente da própria agressividade em cima de outros. Como exemplo típico de um tal desmascarar, pode ser mencionada, mais uma vez, a cena da mulher adúltera em Jo 8,1-11. Mas há tantos e tantos outros textos, nos quais Jesus age da mesma maneira, querendo conscientizar. Lembramos em termos de exemplos: Mt 21, 33-42; Mt 23, 1-39; Lc 11, 39-52; Mc 12, 37-40.

É por isso que vos envio profetas, sábios e escribas. Deles matareis e crucificareis alguns, a outros açoitareis nas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. ³⁵ Por isso cairá sobre vós o castigo pelo assassinato de todos os inocentes, desde Abel, o justo, até Zacarias filho de Baraquias, a quem matastes entre o Santuário e o altar. ³⁶ Eu vos garanto: tudo isto virá sobre esta geração. ³⁷ Jerusalém, Jerusalém! Tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! (Mt 23, 34-37)

Conscientizando sobre os mecanismos inconscientes e desmascarando os motivos subjacentes do agir dos sacrificadores, porém, Jesus faz a experiência bem conhecida por todos os psicanalistas. Ele encontra resistência. Os sacrificadores não querem ser conscientizados. Eles se fecham dentro de uma cegueira coletiva. Eles não querem ouvir, porque se aceitassem a verdade sobre si mesmos, deveriam aceitar que são eles mesmos os violentos, os agressores. Esta verdade, porém, não querem aceitar, e tampouco se querem converter e mudar de atitude. Diante do agir conscientizador de Jesus, porém, não é mais possível, manter a projeção inconsciente. A agressividade se torna consciente e com isso, os sacrificadores não mais podem recorrer de maneira inconsciente ao mecanismo do bode expiatório. O seu agir religioso se desmascara como mentiroso e hipócrita.

Jesus desvela esta hipocrisia nos seus anátemas contra os fariseus de sua época:

"acautelai-vos ... da hipocrisia dos fariseus" (Lc 12,1)

Ele não só a desvela, mas a denuncia, mostrando os seus motivos escondidos (cf. por exemplo a parábola dos vinhateiros homicidas em Mt 21,33-39).

¹⁷ Cf. Os 6,6 ; Mt 9, 13, - Misericórdia em vez de sacrifícios

¹⁸ René Girard, Ich sah den Satan, p. 158

É exatamente isso, porém, que os sacrificadores de maneira nenhuma querem aceitar. Quando não é mais possível fechar os olhos diante dos verdadeiros motivos de sua atitude, eles dirigem a sua agressividade contra aquele que os desmascara e os quer conscientizar. E sendo violentos, a sua ação outra vez é violenta. Eles o matam. Com isso, se fecha de novo o círculo vicioso da violência. Ele não só se fecha, mas também se abre para mais uma rodada, porque os seguidores deste bode expiatório sacrificado, agora, por sua vez, podem começar a sacrificar os sacrificadores. E da mesma maneira como os sacrificadores matavam, convencidos de cometer uma boa obra, também os sacrificadores dos sacrificadores, por sua vez, podem recorrer ao mecanismo inconsciente já descrito, e justificar as suas ações como vontade de Deus.

Só que quando fazem isso, se confrontam com o mesmo problema, com o qual os representantes do Templo de Jerusalém se viam confrontados. Eles não mais podem recorrer aos mecanismos de projeção, projetando a sua agressividade naquele Deus, em cujo nome pretendem agir.

8. COM A SUA ATITUDE NA CRUZ E DIANTE DA CRUZ, DEUS QUEBRA O CÍRCULO VICIOSO DA VIOLÊNCIA E DA VINGANÇA

Este Deus, no qual os sacrificadores buscam a sua justificação, mostrou de maneira indiscutível que ele não é violento. Ele mostrou esta sua característica durante toda a sua atuação em Jesus Cristo; ele a mostra também exatamente naquele acontecimento, onde ele mesmo tinha sucumbido à violência de sacrificadores em nome de Deus; - na Cruz e na sua transmutação total da antiga concepção de sacrifícios¹⁹. Esta transmutação está sendo caracterizada por Louis-Marie Chauvet da seguinte maneira: "Sacrifício por excelência,

¹⁹ Cf.: Hb 4-10, de maneira específica: Hb 7,11-28; 10,11-18; 12,22-24; Importante neste contexto são também as declarações do Concílio de Trento, sobre a compreensão do sacrifício Eucarístico, cf.: Dz 1751; 1743; 1753

a Cruz também é o anti-sacrifício. Cristo, através dele, sacrificou os sacrificios²⁰. A partir da Cruz de Cristo, "o único sacrifício possível é a reconciliação"²¹.

No patíbulo da Cruz, e na sua reação frente a esta Cruz, Deus de fato revela para todos que o seu lema é o perdão e não a vingança, que a sua atitude é o amor e não o ódio.

Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. ⁴⁰ E se alguém quiser te processar para tirar-te a túnica, deixa-lhe também o manto.⁴¹ Se alguém te obrigar a carregar-lhe a mochila por um quilômetro, leva-a por dois. ⁴² Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja um empréstimo. ⁴³ Ouvistes que foi dito: Amarás teu próximo e odiarás teu inimigo.⁴⁴ Pois eu vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem... (Mt 5, 39-44; também Lc 6, 29ss)

Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem. (Lc 23,34)

²³ Ultrajado, não replicava com injúrias; atormentado, não ameaçava... (1 Pd 2, 23)

Pois é Deus que em Cristo reconciliou o mundo, já não levando em conta os pecados dos homens. É ele que pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação. (2 Cor 5, 19)

Mas agora, sem a Lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas. ²² É a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem, sem distinção. ²³ Pois todos pecaram e todos estavam privados da glória de Deus. ²⁴ Mas agora são gratuitamente justificados pela graça, pela redenção em Jesus Cristo. (Rm 3, 21-24)

Pela sua reação frente à violência daqueles que mataram Jesus em nome de uma falsa concepção de Deus, o Deus verdadeiro mostra que nunca, jamais, alguém pode recorrer à violência e justificar esta violência como vontade de Deus. Porque a reação de Deus à violência contra ele mesmo, na Cruz, é

²⁰ CHAUVET, Lous-Marie. op. cit., p. 66

²¹ Ibid., p. 54

a não-violência. Em vez de condenar, ele perdoa, e em vez de se vingar, ele salva. O Deus que se manifesta em Jesus Cristo, é o oposto de toda violência. Sua vontade ilimitada de perdoar, quebra o círculo da violência e desmascara toda tentativa de justificar a violência com referência a Deus, como mentira e hipocrisia.

É esta a grande lição que os seguidores deste Deus não-violento, no decorrer da história só com muitas dificuldades quiseram aceitar. Mas, para todos eles que recorrem à violência qualquer, seja ela fisiológica, econômica, psicológica, social ou religiosa, - para todos eles vale o mesmo que valeu na época para os seguidores do Templo: Quem, depois de Jesus ainda recorre à violência, mesmo quando quer justificá-la em nome de Deus, está sendo desmascarado pelo próprio Jesus como mentiroso e hipócrita. Deus não pára de desmascarar a atitude mimético-sacrificial como falsa. A partir da cruz e da reação de Deus a esta cruz, ninguém mais têm alguma justificação para recorrer a atitudes violentas. Ninguém mais têm alguma justificação para crucificar, porque Deus não quer a crucificação, mas o perdão. Ele, nas suas próprias palavras, não gosta de sacrifícios²², porque neles há violência, e Deus não é violento. - Se porém ele não o é, como alguém de nós, com consciência limpa o poderia ser?

Prof. Renold J. Blank é Doutor em Teologia e em Filosofia. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Senhora da Assunção.

²² Para os textos do AT, cf.: Am 5,21-24; Is 1,11-17; Js 22,26; Js 22,28 ; 1Sm 3,14 ; 1Sm 15,22 ; Sl 40,6; Sl 51,16; Sl 51,17; Pv 21,3; Ec 5,1; Is 1,11; Is 43,23; Is 43,24; Jr 6,20; Jr 7,22; Os 6,6; Os 8,13; Am 5,21-25; Ml 2,3; Para os textos no NT, cf.: Mt 9,13 Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios. Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores. Mt 12,7 Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios, não condenaríeis os inocentes. Mc 12,33 e que amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. At 7,42 Mas Deus se afastou, e os abandonou ao culto das hostes do céu, como está escrito no livro dos profetas: Porventura me oferecestes vítimas e sacrifícios por quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? Hb 10,5 Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; Hb 10,8 Tendo dito acima: Sacrifício e ofertas e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste. Hb 10,11 Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados;

O SANTUÁRIO DE SÃO JUDAS TADEU: ESPAÇO E SINAL DE EVANGELIZAÇÃO NA GRANDE SÃO PAULO

Prof. Dr. Pe. Eloi José Schons

INTRODUÇÃO

Instigante e desafiadora continua sendo a evangelização, que procura formular e efetivar novos paradigmas, elaborar novos métodos, gerar renovado ardor, para responder aos novos desafios e problemas oriundos da tecnologia, pelas mudanças provindas da globalização nos diversos campos do saber, da cultura, da religião e da vida das pessoas.

Como metodologia, em nossa tese, partimos da observação e experiênciática prática na pastoral e da pesquisa histórica sobre o Santuário, aliada a uma pesquisa bibliográfica dos Documentos da Igreja e dos principais estudos disponíveis sobre o tema da devoção e da pastoral urbana, confrontando-os com a evangelização diferenciada realizada pelo Santuário de São Judas Tadeu do Jabaquara, em São Paulo.

Em nossa tese buscamos:

- demonstrar que o Santuário, no processo de evangelização a partir da devoção a São Judas Tadeu, é um espaço e sinal que marca a população dos devotos da grande São Paulo;
- comprovar que a Paróquia/Santuário de São Judas Tadeu é um espaço sagrado e sinal de evangelização diferenciada pelo acolhimento persona-